

EM MEMÓRIA DE



Elfrida Horning Weill Carvalho

1 de janeiro de 1949 — 28 de maio de 2025

A última milha



A história de uma mulher guerreira

e de uma família que escolheu ser feliz, mesmo no avanço do Parkinson

A última milha

são os últimos momentos que antecedem a nossa partida. Todos nós teremos a nossa. Alguns se vão de forma inesperada, e talvez nem saibam que já a percorrem; outros passam por um caminho mais longo. Mas, independentemente de como seja, todos haveremos de passar por ela.



Oito meses após o falecimento da minha mãe, começo a escrever este relato sobre os seus últimos dias nesta terra. Já havia escrito sobre a vida dela; aqui, faço questão de registrar a história desta passagem — a partir de janeiro de 2022, o seu último aniversário em sua casa.



A vida de Elfrida

1 de janeiro de 1949 — 28 de maio de 2025

“Um exemplo de vida! Mulher batalhadora, uma mãe que dedicou toda a sua vida aos filhos e a Deus.”

Filha de André Hornung e Maria Clara Weill, Elfrida nasceu em uma família humilde, descendente dos alemães do Volga — imigrantes que se estabeleceram na Colônia Mariental, no Brasil.

Cresceu na área rural ao lado das cinco irmãs, dedicou-se ao trabalho desde muito cedo. Quando pequena, viajava com o pai, de carroça, de Mariental até Curitiba para vender café. Aos doze anos começou a trabalhar como doméstica no centro da cidade e, mais tarde, como garçonete — uma moça simples do campo em meio à cidade, em busca de oportunidades.

Aos vinte e sete anos, casou-se com Alfredo Carvalho e, em poucos anos, teve dois filhos. Logo enfrentaria, porém, uma separação difícil e solitária, ficando sozinha com os dois meninos em uma casa pequena, num bairro simples de São José dos Pinhais.

A partir dali, travou uma dura batalha para criar os filhos sozinha. Trabalhou como costureira e sustentou a casa com dignidade, sem o apoio do ex-marido, mas com muita fé e muito amor.

Superou muitas dificuldades com coragem — inclusive a escassez — e fez da fé em Deus o seu pilar de sustentação. Construiu uma vida simples, porém repleta de vitórias: conquistou a própria casa, formou os filhos e manteve-se ativa na comunidade religiosa. Foi sempre grata às pessoas que a ajudaram nos momentos mais difíceis.

Aos cinquenta e seis anos, foi diagnosticada com Parkinson e, mais tarde, com Alzheimer. Enfrentou com bravura as limitações impostas pelas doenças degenerativas: aprendeu a conviver com elas e manteve, por muitos anos, uma vida bastante ativa.

Até onde a saúde permitiu, viveu uma vida plena. Exerceu seu papel na comunidade, liderou movimentos da igreja, guiou os filhos e aproveitou a vida dentro de suas possibilidades. Fez viagens muito bonitas, teve festas inesquecíveis e foi, sim, muito feliz em muitos momentos.

Nos últimos anos, sobretudo depois dos setenta e dois, passou a precisar de cuidados constantes e viveu períodos difíceis de confusão mental, sempre assistida com amor pela família e pelos cuidadores que estiveram ao seu lado. Como o sol que se põe, também a vida tem os seus momentos finais. Ainda assim, ela aceitou os desafios e seguiu aproveitando tudo o que era possível, sempre perto dos filhos, dos netos e das noras, vivendo momentos incríveis mesmo com a doença já avançada.

Foi à praia e caminhou com os pés no mar, algo de que gostava muito. Esteve muitas vezes em Mariental, o lugar que amava. Teve festas e, ainda aos setenta e cinco anos, já bastante debilitada, dançou e celebrou a vida ao lado de familiares e amigos no seu aniversário. Em seu

último fim de semana, estive em família, com o filho e os netos, e tomou seu último chimarrão — hábito que manteve até os últimos dias. Faleceu logo depois de se deitar, dormindo, numa noite fria de 28 de maio de 2025, por volta das dezenove horas.

A vida lhe trouxe, sim, desafios enormes; ainda assim, ela viveu momentos felizes e intensos até o fim. Elfrida foi exemplo de força, de dignidade, de fé e de mãe. Sua trajetória foi marcada pela superação, pela coragem e pelo amor incondicional que dedicou aos filhos e aos netos. Seu legado é eterno, e sua memória, honrada por quem a amou verdadeiramente.

Em nome dela, agradeço imensamente a todos os que foram anjos em sua vida — aos que estiveram com ela até o fim. Foram poucos, mas sempre lembraremos que permaneceram. E também àqueles que, de alguma forma, guardam com amor a sua memória.

Elfrida Horning Weill, aqui descansa em paz.



MEMORIAL ON-LINE

Sumário

- I. O último aniversário na casa dela
- II. O primeiro incidente
- III. O segundo incidente e a recuperação
- IV. O breve retorno para casa dela
- V. Quando tudo mudou
- VI. O momento mais difícil
- VII. O apoio da Casa e a nova rotina
- VIII. Os momentos que escolhemos viver
- IX. Os últimos dias e a despedida
- X. Meu depoimento

CAPÍTULO I

O último aniversário na casa dela

Naquele momento, ela ainda vivia em sua casa e, havia uns dois anos, contava com a Val, sua cuidadora, que a apoiava no dia a dia e ficava atenta às pequenas alucinações que já começavam a aparecer.

1º de janeiro de 2022



foto 1



foto 2



foto 3

Estávamos na casa da minha mãe celebrando o aniversário dela, depois de termos passado o réveillon juntos, na minha casa. Naquele momento, a vida seguia bem, dentro da normalidade e das possibilidades. Ela completava 73 anos e já convivía com o Parkinson havia uns dezesseis. Tomava suas medicações; sim, tinha pequenas complicações — tremores, algum esquecimento —, mas nada que a impedisse de viver em sua própria casa.

A partir dali, as coisas começaram a mudar. Os esquecimentos e as visões de crianças andando pela casa passaram a acontecer, de forma gradual, ao longo daquele ano. Cheguei a conversar com meu irmão sobre as mudanças na saúde da nossa mãe, mas não chegamos a um entendimento sobre o que fazer.

Mesmo com essas novas ocorrências, a vida seguia seu curso, e ela ainda fazia suas atividades normalmente — como neste dia, em que fomos a um restaurante comemorar o meu aniversário.

24 de março de 2022

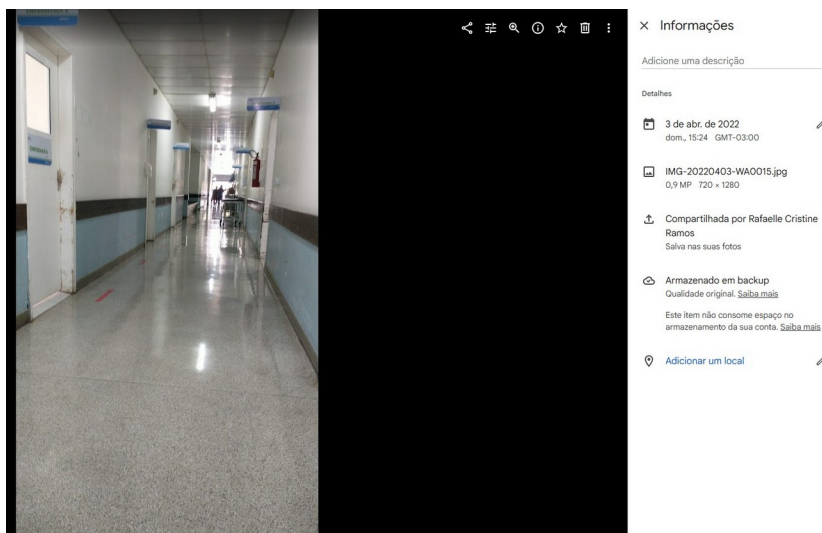


foto 4

O primeiro incidente

Logo no mês seguinte, as coisas começaram a se complicar. Em um domingo, durante o almoço, minha mãe teve um episódio de queda de pressão. Simplesmente parou de comer a sobremesa e quase desmaiou à mesa. Estava bem até então, mas foi como se tivesse se desligado depois de almoçar. Percebemos a tempo de evitar a queda e a levamos para o sofá, já quase sem resposta. Pensei, naquele instante, que fosse um AVC. Colocamos ela no carro imediatamente e corremos para o hospital mais próximo. Ela deu entrada e logo recebeu o diagnóstico de suspeita de AVC; após os primeiros socorros, em pouco tempo estava sendo transferida para um hospital de maior complexidade.

3 de abril de 2022



Quando a Rafa chegou, ela já estava sendo transferida do Hospital São José para o Hospital Angelina Caron.

Durante dois dias, domingo e segunda, ela permaneceu internada. Fez os exames, recuperou-se, e o AVC foi descartado. Porém ficou sem os medicamentos do Parkinson — e foi aí que as alucinações tomaram conta dela, a ponto de precisar ser imobilizada no leito do hospital. Um quadro muito triste; chegamos a pensar que ela não resistiria. Os hospitais atendem às urgências, mas muitas vezes não têm a especialização para os detalhes: em vez de medicarem o Parkinson, disseram apenas que não poderiam fazê-lo e que, como ela estava alucinando, deveria permanecer contida até o dia seguinte. Diante disso, solicitamos a remoção dela do hospital, para que pudesse voltar a receber a medicação. Assinei um termo me responsabilizando e, com muito esforço para contê-la durante as alucinações, conseguimos colocá-la em uma cadeira de rodas e obtivemos a autorização para sair. Como a suspeita de AVC havia sido descartada, fomos direto para casa; assim que chegamos, retomamos a medicação e, conseguindo controlar a alucinação, ela foi dormir. Chegamos já tarde da noite de segunda-feira.

No dia seguinte, ela foi à consulta com o especialista que a acompanhava havia vários anos. Ele também não conseguiu precisar a causa do mal-estar, mas pediu novos exames. Suspeitamos de que talvez tivesse tomado algum remédio a mais — naquela época ela ainda se medicava sozinha — e nós também não sabíamos se havia tomado ou não, pois controlávamos pelo conteúdo do aparelho, um dispositivo

eletrônico que a avisava das horas. Enfim, a crise havia passado, e ela seguia fazendo exames.

A partir desse ponto, decidimos, eu e meu irmão, que a nossa mãe precisaria de um acompanhamento mais próximo. Optamos por uma espécie de guarda compartilhada: ela passaria uma semana na minha casa e outra na do meu irmão — pois, até então, vivia em sua casa e passava alguns dias conosco, como sempre foi, mas agora precisávamos estar muito mais perto.

CAPÍTULO III

O segundo incidente e a recuperação

Abril de 2022



foto 6



foto 7

Mas então, já no fim de abril, quando pensávamos que tudo estava melhorando e voltaria à normalidade, minha mãe teve outro episódio de quase desmaio — desta vez na casa do meu irmão. Foi atendida rapidamente, mas, nos dias seguintes, também apresentou uma pneumonia, algo que passaríamos a presenciar com mais frequência por causa das broncoaspirações do Parkinson.



foto 8

Mais uma vez, percebíamos que a saúde dela estava diferente — muito mais frágil e sensível à nova realidade —, com mais momentos de alucinação, algo visível até nas expressões do rosto. Dava para notar que algo não ia bem.

Em recuperação

Passou-se mais um tempo e, de novo, acreditamos que as coisas iriam melhorar — houve, inclusive, momentos em que ela melhorou muito, recuperando plenamente o raciocínio e a memória. Algumas vezes cheguei a pensar que ela retomaria a rotina normal da vida dela. Era uma esperança.



foto 9



er., 17 de... ▾



seg., 9 de mai. de 2022 ▾

dom., 8 de mai. de 2022



foto 10

Mas, ainda dentro de casa, percebíamos momentos que ninguém de fora conhecia. Pela manhã, por exemplo, enquanto o remédio ainda fazia efeito, ela tinha alucinações fortes, ficava olhando para cima, para os lados. Fomos aprendendo a lidar com isso, com o médico ajudando a regular as novas dosagens.



foto 11

Depois que o remédio entrava em circulação, tudo melhorava. Nesse período conseguimos nos sair muito bem: ela já estava mais feliz, confortável com o dia a dia, e parecia que todos tínhamos encontrado o equilíbrio. As crianças sempre foram muito próximas dela, então ter a vó por perto era muito bom — principalmente para nós, que não precisávamos mais dormir preocupados com ela sozinha em casa. A paz funcionou por um bom tempo.

seg., 30 de mai. de 2022



foto 12

O breve retorno para casa dela



foto 13 · 01/06/2022

Num momento de melhora significativa, ensaiamos um retorno: ela foi até a casa dela, fizemos um café, e ela ficou muito feliz em poder estar em casa de novo. Isso a animou bastante, e foi muito bom. Pensamos que talvez pudéssemos deixá-la em casa e apenas buscá-la à noite para dormir conosco — algo bem mais tranquilo.

De julho a outubro, as coisas caminharam bem, e ela acabou mesmo preferindo ficar mais conosco, pois se sentia mais segura. Todos acreditávamos que esse seria o nosso modelo por muitos anos: a mãe em casa, com sintomas leves, e tudo certo. Que bom seria se tivesse continuado assim.

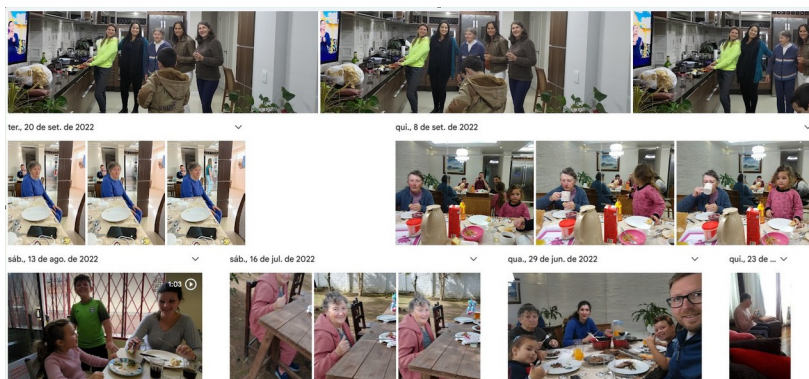


foto 14

Voltamos mais algumas vezes à casa dela e começamos a construir uma casa nos fundos, para aluguel; a da frente ficou fechada nesse período.

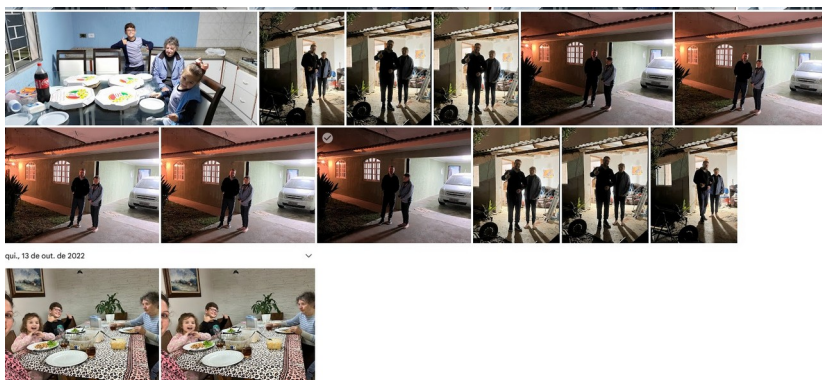


foto 15 · 13/10/2022

Acredito que esses foram os melhores momentos de estabilidade que tivemos. De setembro daquele ano em diante, porém, a situação começou a mudar drasticamente. Não sabíamos se eram os remédios ou o avanço da doença — nem o médico conseguia precisar —, mas as alucinações se tornaram frequentes, e tudo o que estava acomodado mudou rapidamente.

Alucinações diurnas e noturnas: praticamente o tempo todo havia algum desvio cognitivo, e tudo ficou muito difícil. Foi tudo muito rápido outra vez; o que estava bom deixou de estar, e, nos meses seguintes, tornou-se comum vê-la conversando sozinha, acordada de madrugada, com dificuldade de comunicação. Para quem não convive com alguém com Parkinson é difícil de explicar, mas às vezes eu tinha a sensação de que ela estava em outra fase da vida — na juventude, ou na infância.

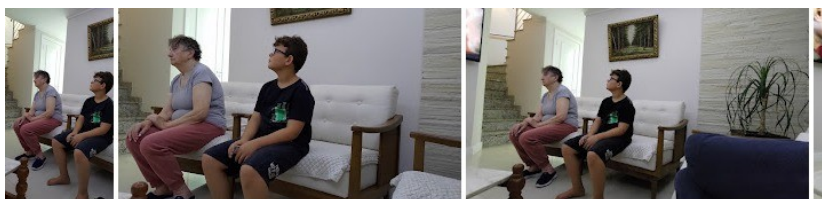
Passamos a viver situações novas: ela acordava de madrugada querendo andar pela casa, subir e descer escadas; algumas quedas aconteceram. Os eventos só aumentavam — em certo momento, ela batia nas portas de madrugada. Passamos a nos revezar, e tínhamos sempre dois ou três dias sem conseguir dormir, tentando entender se aquilo seria assim mesmo ou se havia algo a fazer.

O médico receitou um remédio para dormir, que começou a ajudar nas crises noturnas; mas, durante o dia, a intensidade das alucinações aumentou bastante. Era difícil de ver no dia a dia, e não havia muito o que fazer — precisávamos atravessar aquele momento juntos.

Nos meses seguintes, entendemos o que realmente são os cuidados com o Parkinson. Ela passou a precisar de ajuda para muitas coisas: banho, banheiro, subir e descer escadas, trocar de roupa e se alimentar — com muito cuidado, pois os engasgos se tornaram comuns. Foi um declínio importante; ela também começou a emagrecer, comia mas não ganhava peso, e a frequência dos afogamentos durante as refeições exigiu até uma mudança no cardápio.

Passamos de cuidados simples para cuidados de enfermagem; nesse período, contratamos algumas vezes enfermagem para ajudar. A vida havia mudado — tudo estava mudando.

Mesmo com as adaptações, buscávamos manter a normalidade, nos ajustando a cada passo do avanço do Parkinson. Estávamos tentando ao máximo manter tudo sob controle — algo que todos que passam por isso acabam descobrindo: temos limites, não podemos resolver tudo. O único que resolve é Deus, e mesmo Ele permite que muitas coisas aconteçam. Então, às vezes, o que nos resta é aceitar e fazer o possível.



seg., 7 de nov. de 2022



foto 16

CAPÍTULO V

Quando tudo mudou

Mais um aniversário

dom., 1 de jan. de 2023



foto 17 · 01/01/2023

Mais um aniversário chegou, comemoramos, e foi muito bom. Mas, dali em diante, as coisas se intensificaram ainda mais. Acredito que foram uns três meses em que saímos de uma situação controlada para outra em que realmente passamos a precisar de ajuda. Não vou esconder as dificuldades que o Parkinson traz para uma família — uma doença que afeta a mente é muito difícil de administrar, e aqui creio que só quem passa entende, porque quem está de fora tem pouca noção do que

acontece — e, de forma ingênua, pensa que teria solução, às vezes até fazendo críticas sem viver e sem saber o que se passa dentro de uma família quando se tem uma doença cognitiva como o Parkinson.

Nos meses que se seguiram, o Parkinson avançou com força, e minha mãe passou a atingir, com muito mais frequência, a condição de demência. Agora tínhamos uma mãe com necessidades muito mais especiais.

O Parkinson tirou muito da lucidez dela. Perdeu as condições de higiene e de locomoção segura, e vivemos situações novas e muito mais difíceis — o paciente de Parkinson não tem plena consciência, e passamos a presenciar coisas que ela jamais aceitaria, ainda mais diante das crianças. Além disso, quedas e batidas tornaram-se comuns; ela ficava impaciente, não parava muito tempo no mesmo lugar, e as noites viraram dia. Assim foram aqueles meses.

O momento mais difícil

Passados alguns meses sem saber o que fazer, e ainda em período de pandemia, chegou o momento de pedir ajuda. Estávamos em crise; dentro de casa, nós e as crianças sabíamos que precisávamos fazer algo, senão seríamos nós a precisar de remédios. A situação estava muito difícil. E eu sempre soube que ela não gostaria que os netos presenciassem situações que são comuns em casos assim. O paciente, sem consciência plena, passa por situações diversas — uma delas era se despir e sair nua pela casa. Infelizmente, isso acontece, além de outras coisas, pois a pessoa não tem a noção real do que está fazendo. É triste, e é algo que não se consegue controlar.

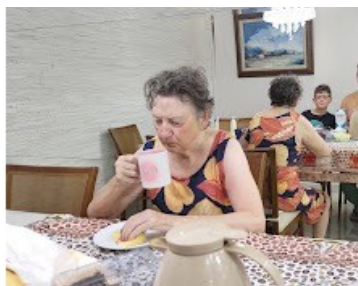


foto 18



foto 19 · 10/01/2023

E não pensem que, nessa hora, alguém aparece para dar uma luz, uma palavra de orientação — pelo contrário, o que se escuta são críticas. Tivemos muitas críticas, inicialmente, por tirar a mãe da casa dela; ela havia passado dois anos com cuidadora, mas tínhamos chegado ao limite, pois já havíamos vivenciado alguns eventos — como o de ela sair à noite na rua dizendo que havia fogo na casa —, e, graças a alguns bons vizinhos que nos alertavam e davam apoio, nada de pior aconteceu. Mas, enfim, voltando ao tema do apoio: quando comentávamos a situação com os mais próximos, sentíamos as pessoas desconversarem — nem uma palavra de apoio ou orientação, apenas indiferença. É aí que quase todos somem; essa é a verdade. Quem fica é quem realmente vai estar até o fim — e são esses que realmente merecem a nossa gratidão.

Naquele momento era isso: cada um com a sua missão. E a cruz da minha mãe não era leve.

Conversei com meu irmão sobre buscar apoio. Ele entendia a situação, mas não conseguimos encontrar uma saída naquele momento. Nossa mãe sempre dissera que nunca gostaria de ficar dependente numa cama ou morar em casa de repouso; era algo que sabíamos, mas também jamais imaginamos que viesse a acontecer. E digo: mesmo sabendo o prognóstico dos médicos — que, sim, falam sobre a demência —, ninguém acredita, no fundo, que vá realmente acontecer. Uma coisa é o que desejamos; outra, o que está em nosso destino. A decisão estava em nossas mãos, e sabíamos que era questão de tempo até precisarmos de ajuda especializada, ao menos durante a semana.

Não havia o que fazer. Já tínhamos tentado enfermagem em casa e cuidadora, mas a situação era mais grave: medicada, ela ficava bem em alguns momentos; em outros, mesmo medicada, alucinava com a demência. Precisávamos entender que não era só com ela — são muitas as pessoas que sofrem com isso, e, para isso, ainda não há cura.

Nós, com filhos pequenos, sofrendo e chorando a cada nova situação ao ver a vó passar por aquilo, não tínhamos como continuar naquele formato. Por mais que o desejo de todos fosse manter tudo como estava, havíamos chegado ao limite das nossas condições emocionais.

Sentamo-nos, conversamos, e talvez tenhamos tomado a decisão num momento de profunda tristeza familiar; mas precisávamos de apoio. Decidimos procurar uma casa de repouso — a mais próxima possível, com boas condições, que pudesse dar a ela toda a atenção necessária durante a semana; nos fins de semana, ela estaria conosco em

casa, e faríamos atividades agradáveis para ela. Foi assim, sentados à mesa, que decidimos tentar — e nos adaptar à nova realidade que viria.

Ninguém nos ajudou a decidir. A decisão foi minha, primeiramente como filho — e foi o que eu pude fazer naquele momento e naquela situação. Minha mãe nunca desejou isso, eu sempre soube; mas ela também nunca soube que chegaria aonde chegou. A vida tem dessas coisas, e não há o que fazer: alguém precisa olhar para a situação e começar a resolver, com responsabilidade, em vez de ficar sonhando com um mundo perfeito que não existe. Sentar e chorar não tornaria nada melhor. É o momento que separa a razão da emoção.

Passados alguns dias e algumas visitas a várias casas, encontramos, na mais próxima, as condições para minha mãe. Não era a mais bonita ou sofisticada, mas foi a casa indicada pelo meu compadre, onde o pai dele passou os últimos dias: uma casa de cuidados de enfermagem 24 horas, particular, com um jardim para caminhar e um quarto com duas camas que pudemos arrumar com as coisas dela. E, principalmente, muito perto da minha casa — a menos de quatro quilômetros —, onde podíamos entrar a qualquer momento: bastava tocar a campainha para ver minha mãe, ou buscá-la para estar conosco. Sim, observamos diversas casas, e há perfis e condições muito variados — algumas mais sofisticadas, outras mais simples. Mas o nosso parâmetro era um só: qual a casa mais próxima, com qualidade e com profissionais formados para atender às necessidades da minha mãe, e onde pudéssemos mantê-la com o mesmo médico que a tratava havia quase vinte anos. Encontramos uma casa que ficava ainda mais perto de nós do que aquela

em que minha mãe viveu a vida toda — era o local ideal para acompanhar tudo de perto.

Decisão tomada. Sentei-me à mesa e conversei com ela. Disse que queríamos tentar, que ela tivesse apoio durante a semana, porque todos precisávamos de ajuda. Ela balançou a cabeça e disse: “se tem que ser”. Entendi que não era o desejo dela, mas que ela compreendia a necessidade. Naquele dia, eu morri um pouquinho. Mas entendi o peso da responsabilidade pela saúde dela; e hoje, sinceramente, sei que foi graças a ela estar na casa de repouso, com profissionais, que viveu ainda alguns anos — foram vários os episódios de afogamento por broncoaspiração, em que precisaram socorrê-la imediatamente. Voltando àquele momento: soube que havia tomado uma decisão que carregaria comigo, e reconheço que quem tiver de passar por isso deve fazer o seu melhor — pois ninguém o fará por você.

Combinamos que, nos primeiros dias, ela só passaria o dia — e assim fizemos. No dia marcado, foi como levar um filho pela primeira vez à escola: de manhã cedo, a levamos. Ela entrou devagar e foi recebida pelo Wilson, enfermeiro e dono da clínica, ele e a esposa, também enfermeira. Minha mãe foi muito simpática, gostou dele, e nós também. Foi difícil aquele momento, mas foi o melhor — hoje tenho essa certeza, pela imensa gratidão que sentimos por eles.

Naquele primeiro dia, ela seguiu a rotina dos demais: fez fisioterapia, ginástica, almoçou, tomou café, caminhou. No fim do dia, fomos buscá-la, e ela disse que tinha gostado.

Parecia que todos havíamos voltado um pouco ao equilíbrio familiar. Nos dias seguintes, foi a mesma coisa, até que, na mesma

semana, ela dormiu lá pela primeira vez: chegamos depois das dezoito horas e ela já estava dormindo; deixamos que descansasse, para ver como seria no dia seguinte. Aos poucos, foi se adaptando — e nós também.

No outro dia, fomos buscá-la e a trouxemos para casa, para ficar um pouco; depois a levamos de volta, no fim da tarde. Era uma sexta-feira; no sábado, combinamos de buscá-la para passear, e assim fizemos.

O apoio da Casa e a nova rotina



foto 20

Uma nova rotina

Uma nova rotina havia começado. Durante a semana, minha mãe contava com o apoio da casa de repouso — remédios, alimentação, fisioterapia, atividades, exames, banho, higiene —, e, nos fins de semana, estava conosco, para vivermos novos momentos juntos. Não era o modelo ideal, pois o melhor seria que ela tivesse mantido a autonomia na casa dela; mas, de alguma forma, esse novo arranjo trouxe os cuidados que ela realmente passou a precisar.



foto 21 · 09/04/2023



foto 22



dom., 9 de abr. de 2023

foto 23 · 09/04/2023



foto 24

Entramos numa fase em que cada minuto contava muito. Quando estávamos com ela, a prioridade era passear em Mariental e fazer as comidas de que gostava, porque sabíamos que, durante a semana, ela estaria amparada na casa de repouso; mas, nos fins de semana, podíamos lhe dar momentos que só nós construiríamos.

Tornou-se uma rotina gostosa estar com ela e pensar no que fazer para aproveitar os momentos que ainda viveríamos juntos.

CAPÍTULO VIII

Os momentos que escolhemos viver

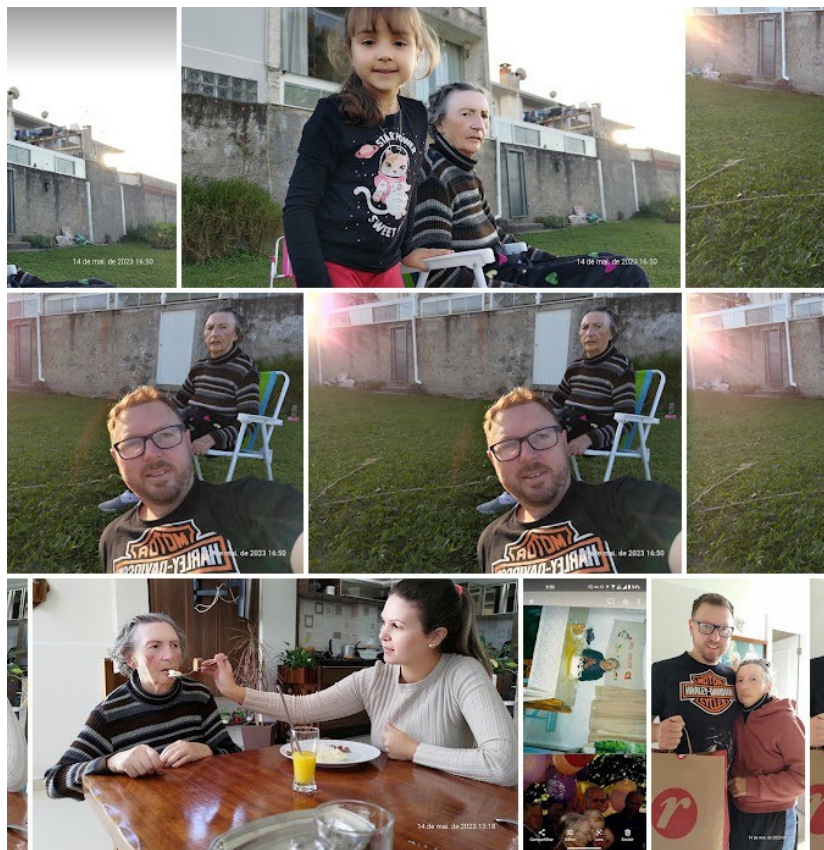


foto 25



sex., 21 de abr. de 2023

foto 26



foto 27



foto 28

Ainda não sabíamos, mas essa nova fase da minha mãe teria muitos momentos felizes para todos nós — mesmo com todos os degraus de dificuldade que ainda surgiriam. E são esses momentos que faço questão de registrar aqui, porque a “última milha” vai chegar para todos nós, mas pode, sim, ter momentos muito felizes e memoráveis.



foto 29



foto 30 · 21/05/2023



foto 31 · 28/05/2023

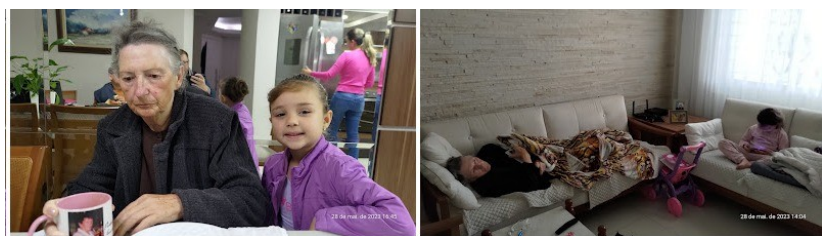


foto 32

dom., 4 de jun. de 2023



foto 33 · 04/06/2023



foto 34 · 18/06/2023



foto 35



foto 36



foto 37 · 02/06/2023



foto 38



foto 39



foto 40 · 16/07/2023



foto 41 · 23/07/2023



foto 42 · 30/07/2023



foto 43 · 06/08/2023



foto 44 · 13/08/2023



foto 45



foto 46 · 20/08/2023



foto 47 · 27/08/2023



foto 48

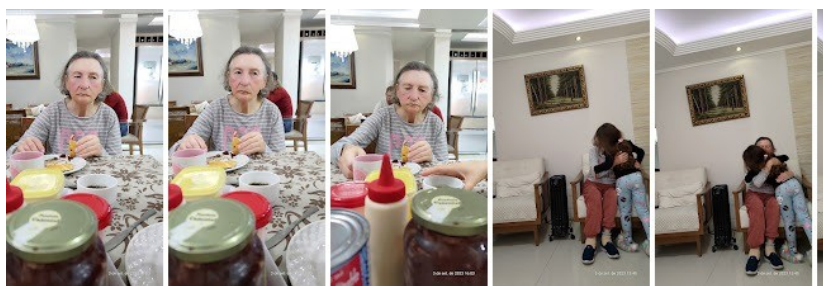


foto 49

dom., 10 de set. de 2023

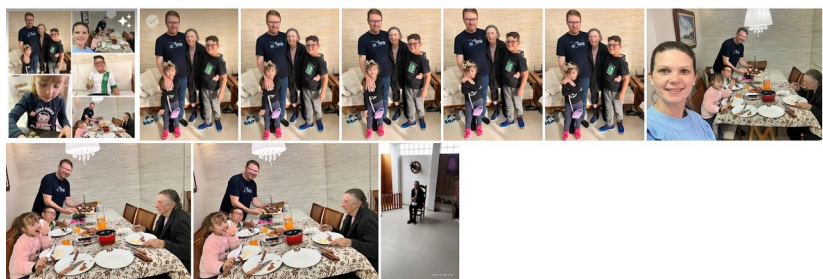


foto 50 · 10/09/2023

dom., 17 de set. de 2023



foto 51 · 17/09/2023

dom., 24 de set. de 2023



foto 52 · 24/09/2023



foto 53 · 19/09/2023



foto 54



dom 15 de out de 2023

foto 55 · 22/10/2023



foto 56 · 04/11/2023

dom., 12 de nov. de 2023



foto 57 · 12/11/2023



25 de nov. de 2023

foto 58

dom., 26 de nov. de 2023



foto 59 · 26/11/2023



foto 60 · 10/12/2023

sáb., 16 de dez. de 2023

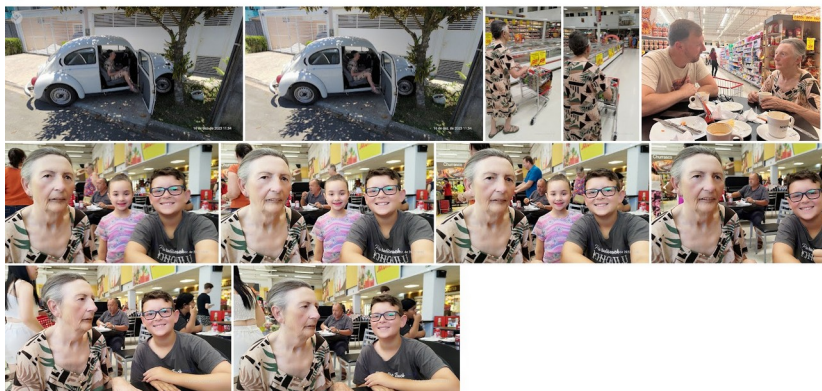


foto 61 · 16/12/2023

dom., 24 de dez. de 2023



foto 62

seg., 25 de dez. de 2023



foto 63

dom., 31 de dez. de 2023

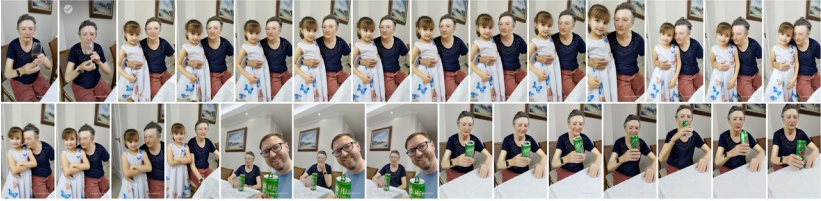


foto 64



foto 65 · 01/01/2024

Foram muitos momentos até chegarmos a mais um aniversário. Hoje, ao rever todas as memórias que construímos juntos, penso o quanto valeu a pena intensificar as oportunidades de estarmos perto durante esse processo.

E claro que a festa dos 75 anos merecia ser celebrada. Já havíamos feito festas para os 60, com mais de duzentas pessoas, e para os 70, com mais uma centena de amigos; mas esta dos 75 era especial e mais importante, porque não sabíamos quantas mais viriam — e buscamos fazer o nosso melhor.



foto 66 · 06/01/2024



foto 67



foto 68

Não cabem aqui todas as fotos, mas valeu muito a pena realizar a festa, mesmo com as dificuldades que a mãe já apresentava. E ela gostou muito!



foto 69

E seguimos a nossa jornada.

dom., 7 de jan. de 2024



foto 70

E por que não uma praia, de que ela tanto gostava?

dom., 28 de jan. de 2024

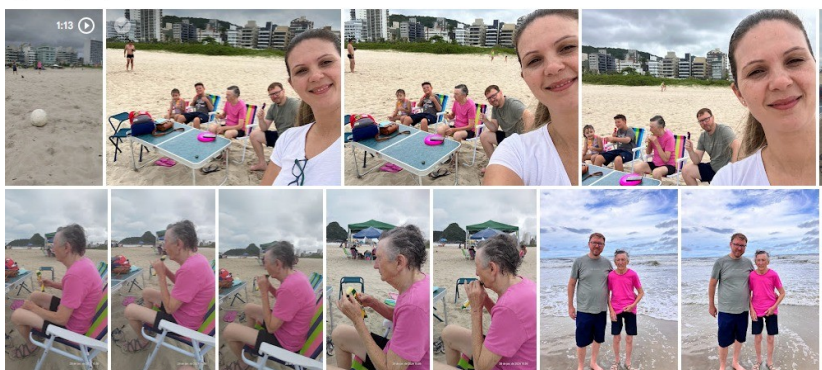


foto 71 · 28/01/2024



foto 72

Os cuidados da irmã mais velha estavam sempre por perto.



foto 73 · 01/02/2024

E novos momentos foram sendo construídos.

dom., 18 de fev. de 2024



foto 74 · 18/02/2024



foto 75 · 25/02/2024



foto 76

Agora cada momento era especial, e aproveitávamos para estar com ela. Meu último aniversário ao lado dela foi muito bom. Lembro sempre de quando eu era pequeno e ela fazia um bolo de coelho — meu aniversário caía sempre na época da Páscoa, e celebrar com ela sempre foi muito especial.

dom., 24 de mar. de 2024



foto 77 · 24/03/2024

sext., 29 de mar. de 2024



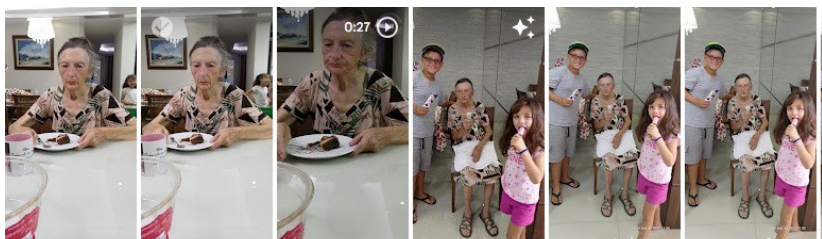
foto 78 · 29/03/2024

Foram tantos momentos. Hoje, observando as fotos para montar esta recordação, entendo que às vezes uma enfermidade nos aproxima ainda mais: quando minha mãe estava bem, eu não ia à casa dela todo fim de semana; mas, quando passou a precisar de cuidados especiais, estávamos com ela várias vezes por semana, e praticamente todos os fins de semana ela estava conosco, em algum passeio ou momento que inventávamos para ela. Isso foi especial para nós. Sabemos que houve muitas críticas sobre ela precisar estar na casa de repouso durante a semana — pessoas que falavam pelas costas; sabemos de tudo isso. Mas, dentre essas, pouquíssimas se preocupavam em visitá-la. Aprendi muito sobre amizade com a história da minha mãe — foram muitos os críticos e poucos os amigos verdadeiros —, e registro aqui uma homenagem às pessoas que permaneceram firmes ao seu lado.

dom., 21 de abr. de 2024



foto 79



dom., 28 de abr. de 2024



foto 80

E então chegou mais um Dia das Mães, e claro que não poderíamos deixar de estar com ela. São momentos assim que quero lembrar para sempre. Ela adorava um sorvete, e, sempre que fazia sol, lá estávamos nós tomando um sorvete juntos.

dom., 12 de mai. de 2024



foto 81

Algo muito bom que aconteceu algumas vezes foi conseguirmos reunir os netos, todos juntos com ela. Ela sorria, ficava muito feliz.

dom., 19 de mai. de 2024



foto 82 · 19/05/2024

Em alguns momentos, incluíamos atividades para ela, como escrever — e ela se saía muito bem.

dom., 26 de mai. de 2024

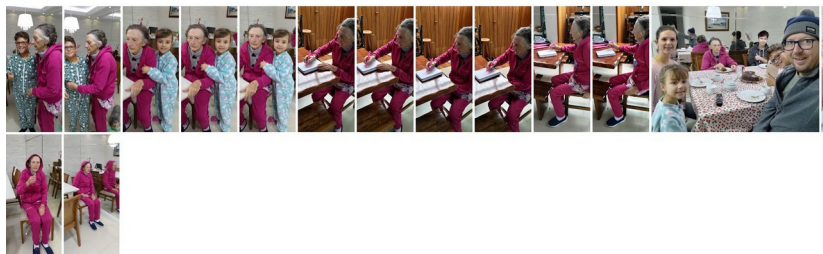


foto 83 · 26/05/2024

Não faltaram momentos entre nós. Deus nos permitiu estar juntos e felizes em várias ocasiões; independentemente do que existisse lá fora, dentro de nossa casa o clima era de família.



dom., 9 de jun. de 2024



dom., 2 de jun. de 2024

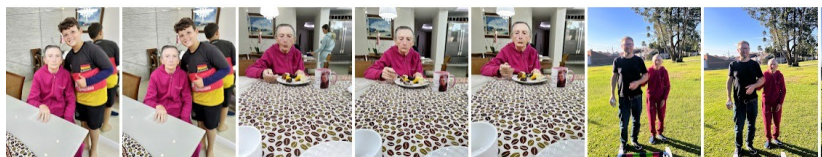


foto 84

dom., 23 de jun. de 2024



foto 85

E a casa onde ela nasceu, em Mariental — como ela gostava de ir para lá! Foram muitos passeios, e ela realmente se sentia muito bem.

dom., 30 de jun. de 2024

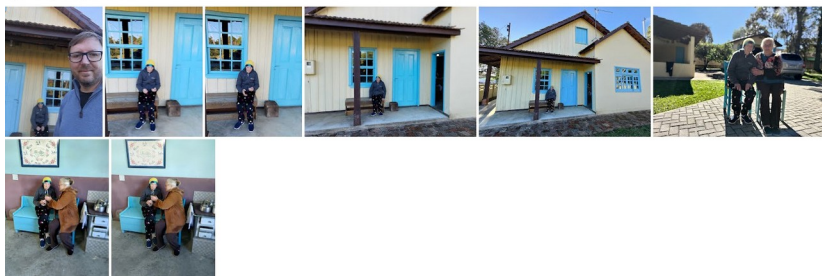


foto 86 · 30/06/2024

Claro que o inverno não é fácil, ainda mais com o avanço do Parkinson, que a deixava mais fraca; mas vivíamos tudo juntos. Para quem não sabe, o Parkinson deixa a pessoa com expressões mais apáticas — muitas vezes não sorri, precisa de muito estímulo —, mas ela sempre encontrava forças para sorrir.

dom., 21 de jul. de 2024



dom., 7 de jul. de 2024



foto 87

O chimarrão, esse nunca podia faltar; a Rafa estava sempre preparando tudo para ela.

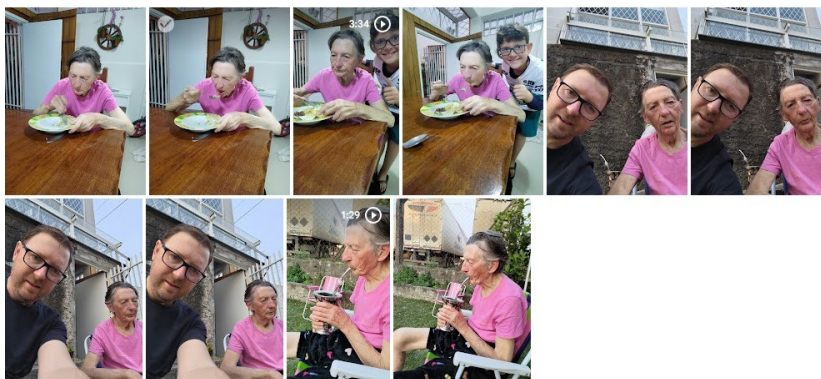


024



foto 88

✓ dom., 18 de ago. de 2024



ter., 6 de ago. de 2024

▽

seg., 5 de ago. de 2024

▽

dom., 4 de ago. de 2024

foto 89

Jantares, cafés coloniais, ou simplesmente assistir à TV — eu me sentia muito bem em proporcionar esses momentos a ela.

dom., 15 de set. de 2024



dom., 25 de ago. de 2024



foto 90

dom., 22 de set. de 2024



foto 91 · 22/09/2024

dom., 29 de set. de 2024



foto 92 · 29/09/2024



foto 93

E alguns podem se perguntar por que tantas fotos. É porque eu nunca quis perder nada desse tempo que vivemos; eu sabia que seria algo a alimentar os nossos corações pelo resto da nossa vida nesta terra.

dom., 27 de out. de 2024



foto 94 · 27/10/2024

dom., 3 de nov. de 2024



foto 95 · 03/11/2024

E as festas de aniversário da irmã mais velha — como ela gostava! Foram momentos muito importantes para ela.

dom., 10 de nov. de 2024



foto 96 · 10/11/2024

E quando o calor começava a voltar, lá estávamos nós nos fundos de casa, aproveitando com as crianças.

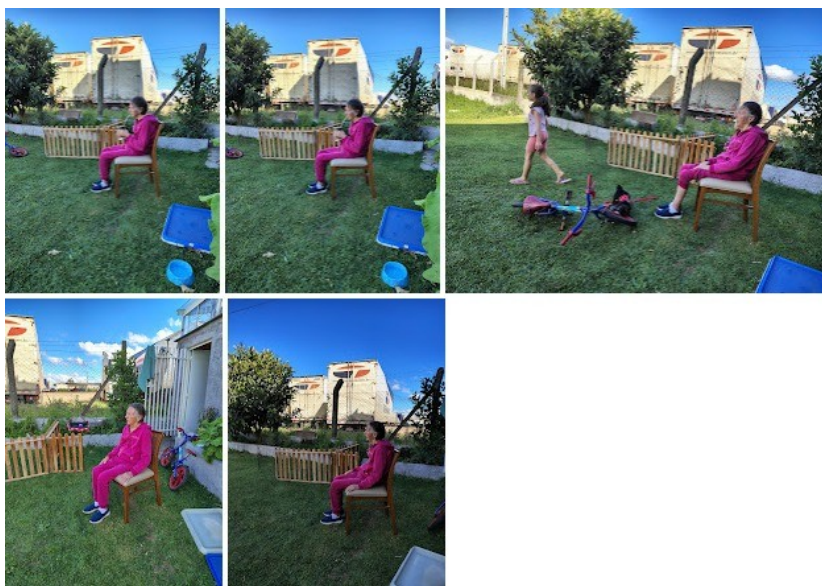


foto 97 · 17/11/2024

E haja sorvete...

dom., 1 de dez. de 2024



foto 98 · 01/12/2024

Foram momentos incríveis: aniversários, passeios, ou apenas sentar para tomar um chimarrão.

dom., 8 de dez. de 2024

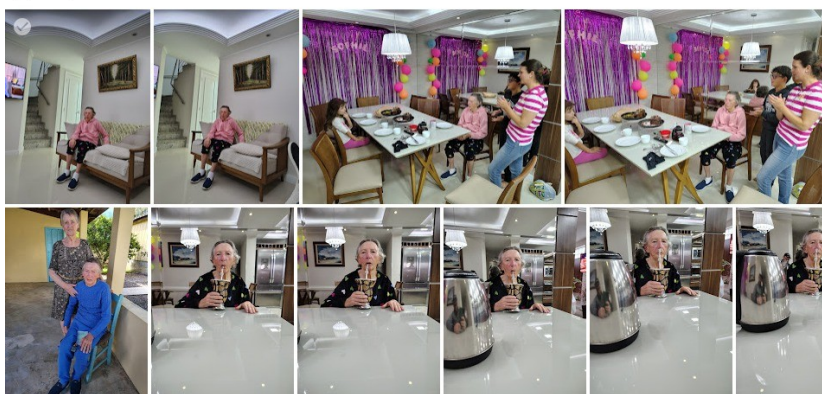


foto 99 · 08/12/2024

O Natal, a época de que ela mais gostava.



100

foto 100 · 15/12/2024



foto 101 · 24/12/2024

Até nos aventuramos a levá-la ao mercado.



foto 102

Mas nem sempre ela estava bem. A qualquer momento podia aspirar algum alimento e precisar de atendimento; sempre foi muito guerreira, superou várias situações como essa sem reclamar.

qui., 26 de dez. de 2024



foto 103 · 26/12/2024

E um novo ano chegou — e, com ele, a vontade de Deus se aproximou cada vez mais.

☑ qua., 1 de jan. de 2025



foto 104



foto 105 · 05/01/2025

☑ dom., 19 de jan. de 2025



foto 106 · 19/01/2025

Claro que não sabíamos o que estava por vir; então seguimos normalmente, aproveitando ao máximo os momentos que tínhamos.



dom., 16 de fev. de 2025



foto 107



sex., 7 de fev. de 2025



dom., 2 de fev. de 2025



foto 108



foto 109



foto 110 · 16/03/2025

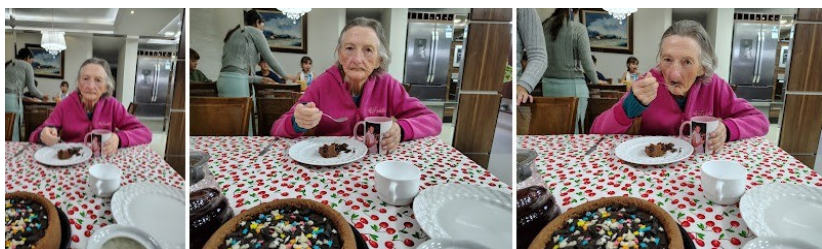


foto 111 · 06/04/2025



foto 112



foto 113



foto 114

E, para quem não sabe, na casa de repouso havia missa em vários momentos — não era só fisioterapia e cuidados; eles tinham uma programação sempre muito intensa.



foto 115



foto 116

E assim foi a rotina da minha mãe nos seus últimos anos: durante a semana, numa casa de repouso muito perto da minha casa, onde podíamos estar em poucos minutos; e, nos fins de semana — ou mesmo em dias de semana, quando possível —, juntos, em nossa casa.

dom., 11 de mai. de 2025



foto 117 · 11/05/2025



foto 118 · 04/05/2025

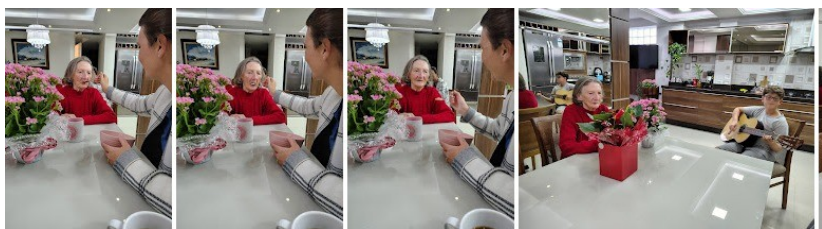


foto 119



foto 120

Os últimos dias e a despedida

Mas Deus tem os seus planos. Num domingo, 25 de maio de 2025, tomamos o nosso último chimarrão juntos e tivemos a nossa última conversa. Parecia tudo normal, um fim de semana como os outros, com a família reunida. Aprendi que a gente se acostuma com os problemas e vai superando as dificuldades, e que, por isso, nem sempre percebemos — ou fazemos questão de não perceber — os sinais. Conosco foi assim: aproveitamos até o último momento. Não ignoramos as dificuldades, sabíamos que elas estavam ali, mas escolhemos ser felizes até onde foi possível.

Aquele foi o nosso último chimarrão e a nossa última conversa.



foto 121 · 25/05/2025



foto 122



foto 123

Logo na segunda-feira, fomos avisados de que ela não estava bem — estava resfriada e isolada dos demais hóspedes da casa. A Rafa se dedicou a acompanhar a situação junto com o Wilson. Na terça e na quarta, ela melhorou; na quinta, já se alimentava bem. Minha última imagem dela foi vê-la comendo — parecia bem, movimentava-se bem. Às dezessete horas, foi se deitar; às dezenove, o telefone tocou. Os cuidadores, que sempre a observavam, notaram que ela estava deitada, mas não respirava

mais. Ela faleceu deitada, dormindo. Eu e meu filho Otávio chegamos quando ela ainda estava quentinha; parecia mesmo que dormia.

Foi assim que ela se foi: dormindo, como fazia em nossa casa. Quando a vi, no primeiro instante, tive a sensação de que estava apenas dormindo — era assim que eu a via em casa quando pegava no sono. Só que, desta vez, ela não respirava mais. Eu a encontrei; suas mãos ainda estavam quentes. Ajeitei suas pernas e seus pés, aproximei-me e, em seu ouvido, agradei muito por tudo. Fechamos os seus olhos e aguardamos para levá-la ao seu último lugar de descanso.

Até um dia, minha mãe.



Meu depoimento

Minha mãe foi uma mulher muito guerreira, filha de gente simples — mas gente de valor, com muita dignidade, respeito e educação. Casou-se tarde, aos vinte e sete anos, com meu pai, que tinha apenas vinte e três; em pouco tempo se separaram, deixando-a com dois filhos: meu irmão, de dois anos, e eu, praticamente recém-nascido. Ela sofreu, lutou — e tudo isso foi uma longa jornada. Viveu, foi muito feliz e fez muitos amigos; durante a vida, a sua casa era cheia, todos estavam sempre lá — amigos do bairro, da igreja, irmãos na fé. Tudo foi muito intenso. Mas o maior aprendizado que tive com ela não foi a superação das dificuldades — isso ela me ensinou muito bem. O que aprendi mesmo foi quem é quem quando os tempos difíceis chegam: enquanto ela podia estar em sua casa, mesmo com cuidadora, todos ainda estavam ali; quando precisou de mais cuidados e passou a morar uma semana na casa do meu irmão e outra na minha, as visitas cessaram, restando pouquíssimas pessoas — às quais sou eternamente grato.

Quando a situação se agravou e ela precisou passar a semana na casa de repouso, estando aos fins de semana em minha casa, entendi de vez que amigo é amigo e família é família. E preciso ser justo aqui, no meu depoimento.

Meu irmão acompanhou a nossa mãe sempre que possível — e ela se alegrava quando estava com ele. A esposa dele, ininterruptamente, a visitava na casa de repouso e acompanhava a sua saúde semanalmente.

As duas, ela e a Rafaelle, estiveram aos cuidados da minha mãe enquanto eu e meu irmão trabalhávamos durante a semana. O Wilson e os cuidadores da casa sempre foram muito atenciosos; nós, que acompanhamos de perto, somos eternamente gratos por tudo o que fizeram. Só quem vê sabe a entrega que é preciso ter, todos os dias, para cuidar de idosos com condições especiais — e isso não tem preço.

As irmãs da minha mãe — Adelinde, Ina e Dirce — estiveram sempre por perto, e a todas sou grato: à Dirce, por sempre recebê-la tão bem em Mariental, e a seus filhos, em especial ao Dioneu e ao Danilo, que estiveram tão presentes — pois moravam ali próximos — e que sempre a faziam rir; à tia Ina, que se deslocava para vê-la e acompanhar a sua saúde, sempre presente; e, em especial, à tia Adelinde — tia linda — e a seus filhos, que estiveram conosco no começo, no meio e no fim, com todo o apoio de que precisávamos. Foi a tia Linda quem me mostrou o que é ser família nessas horas, e por ela, e por seus filhos, também sou eternamente grato.

Ao amigo Alessandro, que nos apoiou intensamente, sempre que preciso — um irmão que esteve comigo durante todo o trajeto.

E, claro, sem dúvida nenhuma, à minha esposa, Rafaelle, que se tornou uma filha para a minha mãe. Ela fez tudo: durante todo o tempo em que minha mãe viveu conosco, foi ela quem deu banho, deu comida, trocou, vestiu — fez por ela muito mais do que eu seria capaz. Foi uma guerreira, com uma força que ninguém que eu conheço teria. Entendi que sou fraco perto dela.

Se Deus precisava preparar alguém para cuidar da minha mãe, não poderia ter feito escolha melhor. Obrigado, Rafaelle, por tudo o que

você foi e por ter ido muito além do que eu poderia imaginar nos cuidados com a minha mãe. Minha eterna gratidão — e saiba que nunca poderei agradecer o suficiente; mas peço a Deus que te recompense por tudo o que fez.

E, por fim, a todos os demais que tiveram os melhores pensamentos pela minha mãe — aos amigos que sentiam por ela e oravam —, o nosso muito obrigado. Principalmente àqueles que estiveram com ela em algum desses momentos, visitando-a: vocês foram incríveis.

E àqueles que, por circunstâncias da vida, não conseguiram visitar nem orar, mas entenderam que a sua crítica nos ajudaria de alguma forma — que Deus os abençoe também. Cada um entrega o que tem para entregar, e nós compreendemos as críticas; mas estávamos sempre buscando fazer o nosso melhor. Sintam-se em paz, pois minha mãe está em paz.

*Em memória de Elfrida Horning Carvalho —
a melhor mãe e avó do mundo.*